

OLIVEIRA, O ARQUITECTO / 1993

(versão longa)

um filme de PAULO ROCHA

Realização e Argumento: Paulo Rocha / *Direção de fotografia:* Elso Roque (16mm, cor) / *Assistente de Imagem:* Loreta Roque / *Música:* Paulo Brandão / *Som:* Gita (som directo), João Gaspar / *Assistente de Realização:* Júlia Buisel / *Montagem:* Victor Moreira / *Assistente de Montagem:* Danielle Anezin / *Participações:* Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira, Paulo Rocha, João Bénard da Costa, e, como artista convidada, Leonor Silveira.

Produção: Suma Filmes para AMIP, La Sept, INA, RTP (Portugal, França, Alemanha, 1993) / *Diretores de Produção:* Manuel Guanilho, José Miguel Figueiredo, Elizabeth Marliangeas / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm (SEPMAG), cor, 79 minutos / *Título da versão francesa:* OLIVEIRA, L'ARCHITECTE / *Título na película:* MANOEL DE OLIVEIRA O ARQUITECTO / *Estreia Mundial:* Festival de Locarno, 14 de agosto de 1993 / *Primeira apresentação na cinemateca:* outubro de 1993, "Oliveira: o Culto e o Oculto".

LE SOULIER DE SATIN / 1985

(Sequência da Lua / "Sur les remparts de Mogador")

Um filme de MANOEL DE OLIVEIRA

Realização: Manoel de Oliveira / *Argumento:* Manoel de Oliveira, baseado na peça homónima de Paul Claudel / *Conselheiro Literário:* Jacques Parsi / *Direção de fotografia:* Elso Roque / *Música:* João Paes / *Décors:* António Casimiro, Maria José Branco, José Luis Oliveira, Eduardo Filipe e Luis Monteiro / *Guarda-Roupa:* Jasmim / *Casting:* Danielle Beracha / *Som:* Jean Paul Loublier / *Assistentes de Realização:* Jaime Silva e Pedro Ruivo / *Script:* Júlia Buisel / *Interpretação:* Luis Miguel Cintra (D. Rodrigo e o Jesuíta), Patricia Barzyk (Dona Prouhèze), Marie Christine Barrault (a Lua).

Produção: Paulo Branco para *Les Filmes Du Passage* (Paris) - *Metro E Tal* (Lisboa), em associação com L'Institut de la Communication et de L'Audiovisuel (Paris), W.D.R. (Colónia), S.S.R. (Genève) e com a participação do Instituto Português de Cinema e dos Ministérios Da Cultura da França e de Portugal / *Cópia:* 35mm (Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema), cor, falada em francês e legendada eletronicamente em português / *Duração (sequência):* 12 minutos (de um total de 406 minutos) / *Estreia Mundial (versão integral):* Festival de Cannes, setembro de 1985 / *Primeira apresentação em Portugal:* Cinemateca Portuguesa, a 24 de setembro de 1985 / *Inédito comercialmente em Portugal.*

NOTA 1: *Oliveira, O Arquitecto* corresponde a uma encomenda para a emissão televisiva **Cinéastes de Notre Temps**, dirigida por Jeanine Bazin e André S. Labarthe. Paulo Rocha realizou duas versões do filme, aquela que se destinou à emissão televisiva e integra a série é mais curta. A presente versão, de 79 minutos, foi montada para cinema. **Por se tratar de uma cópia 16mm Sepmag será necessário fazer uma pausa de cerca de cinco minutos a meio da projeção.**

NOTA 2: Nesta sessão exhibir-se-á apenas uma bobine de *Le Soulier de satin*, a que corresponde à dita "Sequência da Lua" e que começa com o cartão "Sur les remparts de Mogador". No final do documentário de Paulo Rocha, Oliveira e João Bénard da Costa visitam a cabine de projeção da Cinemateca e, junto ao projetor, comentam esta mesma sequência.

OLIVEIRA, O ARQUITECTO

Em *Oliveira, o Arquitecto* encontramos o olhar do discípulo sobre o mestre, em que o primeiro procura apagar-se para dar todo o espaço e voz ao outro. Porém, nisto que de certo modo aparece como um jogo interactivo, a relação referida é muito mais complexa. Não se trata apenas de homenagem, de uma reverência humilde. Muito pelo contrário. Rocha procura em Oliveira o seu reflexo e na obra do mestre a sua própria obra.

Num texto incluído no catálogo *Paulo Rocha – O Rio do Ouro*, Rocha conta como conheceu Oliveira na altura em que era aluno do IDHEC, e em que o primeiro andava às voltas com **A Caça e O Acto da Primavera** (Rocha colaborou neste último filme na montagem da sequência final), referindo depois uma carta em que Oliveira o felicita por altura de **Mudar de Vida**, dando a entender uma visão pessimista para o seu futuro de cineasta (*“você tem sorte, lá consegue fazer filmes, eu nunca mais conseguirei”*). Alguns anos após a carta, em 1972 com **O Passado e o Presente**, Oliveira começa paulatinamente a construir um edifício que tomou a forma e a importância de uma catedral. Daí o termo *arquitecto* que no campo do cinema terá sido primitivamente aplicado a John Ford. E no mesmo espaço de tempo Paulo Rocha foi também edificando a sua, menos grandiosa, mas com muitas afinidades com a do mestre. Se então não podia chamar-se um herdeiro de Oliveira (como diz noutro texto do catálogo) por não haver uma obra que legitimasse a filiação, é mais que evidente que o título se justifica, pois, da comparação das respectivas obras ressalta uma série de interligações. Há duas características comuns às obras de Oliveira e Rocha: a ideia de História e a noção de Destino, distinguindo-se pelo peso do Romantismo em Oliveira. Ora é curioso que neste documento Paulo Rocha elida quase toda a faceta “romântica” da obra de Oliveira, para discorrer (pela própria voz de Oliveira) sobre a sua vida e os seus filmes e, em particular, sobre os laços comuns que têm com o Porto, como se procurasse elidir a diferença e sublinhar o que os liga.

O filme de Paulo Rocha segue uma estratégia que leva da sedução à vampirização. Rocha explica o movimento no texto que escreveu de apresentação do filme, aquando da sua primeira exibição: *“Não queria nada de didáctico, de retrato explicativo. Queria um ramo de flores venenosas, uma salva de palmas para o velho mestre canibal. Depois, com o vampiro amansado, surripiar-lhe confidências e ironias, num deambular lírico pelas cavernas da memória, entre piruetas, gargalhadas e gotas de sangue”*. À volta de Oliveira, Rocha espalha um conjunto de referências que cimentam ainda mais as afinidades: a memória do cinema com o espaço da Cinemateca e Nosferatu vigiando a entrada e “embalando” a imagem de um jovem Oliveira, como este “embala” a da jovem nos seus braços num acto de magia e, portanto, de cinema, os seus personagens e rostos fetiches e a cidade do Porto onde os dois homens percorrem os mesmos lugares de três décadas antes, evocando um tempo e um filme também três décadas anteriores a esse encontro: **Douro, Faina Fluvial**. Mas, principalmente, e o que mais pode interessar a muitos, Rocha põe Oliveira a falar, de si, do seu passado, de coisas inesperadas, apanhadas ao acaso e sem ensaio. E onde os dois se encontram de novo num dos planos mais sugestivos (e significativos) da obra de Paulo Rocha: aquele em que Oliveira fala enquanto na banda sonora se manifesta um ruído em *off* que o incomoda. A câmara nunca larga o rosto de Oliveira, nada a distrai do seu objecto. O que está em *off*, em *off* permanece.

Manuel Cintra Ferreira

LE SOULIER DE SATIN (Sequência da Lua / "Sur les remparts de Mogador")

(...)

O tema da sombra é trazido, na peça, a primeiro plano, na cena fundamental, em Mogador, entre D. Camilo e D. Rodrigo. Entre essa cena e a cena chamada da “sombra dupla” introduziu Claudel uma outra entre bandeirantes numa floresta virgem da América. Oliveira que, desde as cenas com D. Prouhéze, na 2ª Jornada, continuamente “acendia” e “apagava” as suas personagens, mais do que nunca convertidos à aparência, filma essa cena dos bandeirantes em plano fixo, sem qualquer variação de luz. Ao fundo da cena há um lago pintado. E, no fim dela, quando um dos personagens diz: “nem para vós, nem para mim, há qualquer possibilidade de regresso” a câmara avança num *zoom* fulgurante até ao lago, como se fosse “pescar” no fundo dele a dupla sombra dos dois amantes que veremos na cena seguinte. Ou seja, a câmara despoja o movimento de não regresso e, do lado de lá, em inversão, permite a aparição da dupla sombra que, por sua vez, nos vai conduzir à fulgurante aparição da lua, uma vez mais metáfora cinematográfica, numa “sequência” que é uma das mais belas e alucinantes de toda a obra de Oliveira.

(...)

João Bénard da Costa